



MÍDIA, REPRESENTAÇÃO E COMBATE AO RACISMO: A EXIBIÇÃO DE WINDECK NA TV BRASIL

Media, representation and fight against racism: the Windeck exhibition on tv Brazil

Media, representación y lucha contra el racismo: la exhibición de Windeck em TV Brasil

Leslie Sedrez Chaves

Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos e professora adjunta do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

leslie_chaves@yahoo.com.br

Juliana Marques de Carvalho

Mestre em Comunicação pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Unesp Bauru
jmarquescarvalho@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho se propõe a realizar uma reflexão teórico-metodológica a respeito de alguns dos aspectos que envolvem a veiculação na TV Brasil da produção angolana *Windeck*, primeira novela africana exibida no país e com um elenco formado majoritariamente por atores negros. O pano de fundo para as reflexões são as discussões sobre a implementação de políticas públicas de ação afirmativa no Brasil direcionadas ao setor midiático, o papel da TV pública neste processo e a importância da diversidade de representações na mídia. Embora a exibição desta produção seja uma iniciativa relevante, visto que insere no ambiente midiático variadas representações do negro, percebem-se algumas lacunas como: a audiência relativamente baixa do canal e, de modo mais amplo, a escassez de projetos mais efetivos que promovam o combate ao racismo e a valorização étnica na mídia.

Palavras-chave: Windeck. Ações afirmativas. TV pública

Abstract

This paper reviews the literature and methodologies regarding some aspects involving the TV Brasil's broadcast of Angolan production *Windeck*, the first African soap opera run in the country and whose cast is primarily made up of black actors. The backdrop for our examination are the discussions about the implementation of public affirmative action policies in Brazil dedicated to the media, the role of public TV in this process, and the importance of representation diversity in the media. Although it is a relevant initiative for having various



representations of black people shown in the media, we have found a few gaps, such as the channel's relatively low audience rates and, more broadly, the lack of more effective projects fighting racism and empowering different ethnicities in the media.

Key words: Windeck. Affirmative action. Public TV..

Resumen

El presente trabajo se propone a realizar una reflexión teórico-metodológica sobre algunos de los aspectos que involucran la difusión en la TV Brasil de la producción angolana *Windeck*, primera novela africana exhibida en el país y con un reparto formado mayoritariamente por actores negros. El paño de fondo para las reflexiones son las discusiones sobre la implementación de políticas públicas de acción afirmativa en Brasil dirigidas al sector mediático, el papel de la TV pública en este proceso y la importancia de la diversidad de representaciones en los medios. A pesar de la exhibición de esta producción ser una iniciativa relevante, visto que insiere en el ambiente mediático variadas representaciones del negro, se ha notado algunos problemas como la audiencia relativamente baja del canal y, de modo más amplio, la escasez de proyectos más efectivos que promuevan al combate al racismo y la valorización étnica en los medios.

Palabras clave: Windeck. Acciones afirmativas. TV pública.

INTRODUÇÃO

Inserido no contexto de mudanças da sociedade, dos movimentos sociais e da concepção de cidadania, o Brasil vê emergir com mais força movimentos de contestação e luta ligados a demandas cada vez mais específicas. O estudioso Kabengele Munanga (2011) destaca que o país está em uma fase importante de amadurecimento, principalmente no que tange às discussões referentes às condições de vida dos afro-brasileiros e do desenvolvimento de políticas públicas direcionadas para as necessidades dessa camada da população. De acordo com o autor, na primeira década dos anos 2000 houve progressos significativos nas discussões sobre o racismo. Entre os avanços destaca-se o reconhecimento de que o problema está presente na sociedade brasileira e se manifesta com intensidade em diversos setores. Esse fato fez com que os debates acerca da discriminação e das desigualdades raciais se estendessem para além da academia e dos movimentos sociais negros, se expandindo para outros espaços.

Compartilhando desse cenário, o presente trabalho se propõe a fazer uma reflexão teórico-metodológica a respeito de uma das iniciativas de ampliação do número e da diversidade de representações negras na televisão brasileira. Trata-se da veiculação, pelo canal TV Brasil, da telenovela *Windeck – Todos os tons de Angola*, uma produção angolana que estreou no Brasil em 10 de novembro de 2014. O ineditismo dessa ação não reside apenas no fato de que essa é a primeira novela africana a ser exibida para a audiência brasileira, mas principalmente na composição do elenco de atores, que é majoritariamente formado por atores negros. Situação que não se observa nas produções brasileiras.

Embasam as discussões deste artigo os debates sobre a implementação de políticas públicas de ação afirmativa no Brasil direcionadas ao setor midiático, o papel da TV pública nesse processo, uma vez que a novela é transmitida pela TV Brasil, e a importância da diversidade de representações étnicas, de uma maneira geral, e, de modo específico, do negro na mídia.

1. A MÍDIA COMO ESPELHO: QUE REALIDADE É REFLETIDA?

Na contemporaneidade o sistema midiático, como um todo, desempenha um papel fundamental na construção e reconstrução de valores, identidades, visões de mundo e, ainda, na circulação desses sentidos. Nesse processo os meios têm assumido centralidade, sendo dinamizados em diversas situações e complexificando ainda mais a vida em sociedade.

Conforme nos diz Silverstone (2002), o sistema midiático é onipresente e somos crescentemente dependentes dele, “é uma dimensão essencial de nossa experiência contemporânea” (p. 12). Está entranhado nas nossas atividades cotidianas e é parte importante de nosso processo de constituição enquanto sujeitos. Baccega (2000) ressalta ainda que a mídia e o contexto social se alimentam mutuamente e constroem cotidianos. Pois,

Comunicação é produção social de sentido. E nesse sentido se constrói nas relações sócio-históricas dessa sociedade. Os meios de comunicação, que são da natureza dessa sociedade, atuam como fator de coesão social. Editando o mundo e agendando temas que a sociedade irá discutir, a comunicação entra no processo permanente de produção de significado, portanto de construção da realidade, em todas as suas manifestações, quer sejam culturais, econômicas ou políticas (BACCEGA, 2000, p.108).

Como apontou Baccega (2000), essa realidade que surge do intercâmbio entre a sociedade e a mídia é editada, isto é, múltiplas possibilidades podem ser construídas a partir

de diferentes pontos de vista, referenciais e intencionalidades. Dentro dessa multiplicidade há versões da realidade que se tornam hegemônicas, pois são maciçamente divulgadas a partir de um sistema midiático também hegemônico. O problema de uma representação da realidade se tornar hegemônica é que essa fração pode passar a ser interpretada como o todo, uma vez que é exaustivamente veiculada.

Tais porções da realidade são simplificações de um contexto social mais complexo, são baseadas em estereótipos e adaptadas ao senso comum para facilitar a compreensão e buscar a aproximação do público. No caso específico das desigualdades, preconceitos e discriminações raciais, o sistema midiático estereotipa os efeitos de um processo histórico permeado por conflitos seculares. Como assinala Muniz Sodré,

[...] o discurso atua nos níveis micro e macro, assim como nos registros da interação e da cognição. A mídia funciona no nível macro como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, em geral estruturadas por uma tradição intelectual elitista que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele (SODRÉ, 1999, p. 243).

Os pesquisadores Silva e Rosemberg (2008) organizaram e sistematizaram um levantamento dos discursos raciais na mídia brasileira. Foram localizados e consultados, materiais publicados entre os anos de 1987 e 2002 que tratam direta ou indiretamente de temas raciais/racistas referentes somente a negros e brancos, sem referência a outros grupos étnicos.

Para efeitos do levantamento, os pesquisadores utilizaram o termo mídia de uma maneira ampla, abrangendo “a produção cultural de massa, em diferentes formas e meios, incluindo, também, a literatura, a literatura infanto-juvenil e os livros didáticos” (SILVA, ROSEMBREG, 2008, p. 74). O mote principal para a realização do estudo parte do entendimento de que o Brasil constitui uma sociedade racista e que “a mídia brasileira participa da sustentação e produção do racismo estrutural e simbólico da sociedade brasileira, uma vez que produz e veicula um discurso que naturaliza a superioridade branca, acata o mito da democracia racial e discrimina os negros” (SILVA, ROSEMBREG, 2008, p. 74).

A pesquisa analisou os materiais midiáticos e os organizou nas seguintes áreas: literatura e cinema, imprensa, televisão, literatura infanto-juvenil, livro didático e pesquisas acadêmicas sobre o tema mídia e racismo. No apanhado geral, entre as principais conclusões encontradas, as quais se reproduziram em todas as áreas pesquisadas, aparecem o posicionamento do branco como “representante natural da espécie”, a ausência das discussões

sobre as desigualdades raciais, a invisibilidade do negro ou a representação estereotipada, ou restrita a temas determinados, como futebol/esporte, carnaval, escravidão.

Por outro lado, entre os resultados do levantamento, também se constatou que a discussão a respeito da representação do negro na mídia esteve na pauta dos principais debates acerca de políticas públicas e práticas antirracismo e pela valorização da herança cultural afro-brasileira. Esse tema está presente nas agendas de lutas das diversas entidades dos movimentos sociais negros, que pressionam os meios de comunicação e as autoridades políticas competentes, criticando as representações vigentes e reivindicando reparação. Entretanto, a partir do estudo, os pesquisadores consideram que, apesar dos esforços dos movimentos sociais, da realização de pesquisas sobre as desigualdades raciais e da implementação de políticas governamentais de combate à discriminação, as mudanças ainda são limitadas e “parecem ter repercutido de forma mitigada e selecionada no discurso midiático brasileiro, que sustenta e produz a dimensão simbólica do racismo à brasileira” (SILVA, ROSEMBREG, 2008, p. 112).

Com o objetivo de investigar mais aprofundadamente esse racismo velado, e por vezes travestido de cordialidade, característico do Brasil, as estudiosas Maria Aparecida Bento (2002) e Liv Sovik (2004) propõem discutir as relações raciais brasileiras incluindo além do negro, o foco no branco. A proposta é considerar nas discussões os traços da identidade racial do branco a partir das ideias sobre branqueamento (BENTO, 2002). Essa dimensão identitária é definida como “branquitude” (BENTO, 2002), ou “branquidade” (SOVIK, 2004). A ideia é preencher uma lacuna fundamental para o entendimento das relações raciais no Brasil, abordando os papéis do negro e do branco nos processos históricos e simbólicos envolvidos nesse assunto. Manter somente a figura do negro como objeto de estudo e problematização das desigualdades raciais torna unilateral a discussão sobre um fenômeno que é relacional e, conseqüentemente, responsabiliza e culpabiliza exclusivamente os afrodescendentes pelo problema.

Bento (2002) afirma que grande parte dos pesquisadores brancos que se debruçam sobre o tema das desigualdades e discriminação raciais, mesmo os mais progressistas, com frequência não percebem o papel de seu grupo racial nos processos que envolvem as relações raciais.

O silêncio, a omissão, a distorção do lugar do branco na situação das desigualdades raciais no Brasil tem um forte componente narcísico, de autopreservação, porque vem acompanhado de um pesado investimento na colocação desse grupo como grupo de referência da condição humana.

Quando precisam mostrar uma família, um jovem ou uma criança, todos os meios de comunicação social brasileiros usam quase que exclusivamente o modelo branco. Freud identifica a expressão do amor a si mesmo, ou seja, o narcisismo, como elemento que trabalha para a preservação do indivíduo e que gera aversões ao que é estranho, diferente. É como se o diferente, o estranho, pusesse em questão o “normal”, o “universal” exigindo que se modifique, quando autopreservar-se remete exatamente à imutabilidade. Assim, a aversão e a antipatia surgem (BENTO, 2002, p. 29-30).

Dessa forma, a questão da branquitude ou branquidade está ligada à imagem, aos papéis desempenhados nas relações sociais, por esse motivo, conforme aponta Sovik (2004), os meios de comunicação constituem um dos principais campos de estudos para examinar esse tema. De acordo com a pesquisadora, esses estudos ganham ainda mais importância na medida em que a produção cultural de massa veicula a cultura hegemônica e “o resultado, em geral, é de aparência branca, pois a branquidade continua sendo uma espécie de projeto para a Nação” (SOVIK, 2004, p. 370). Além disso, a estudiosa ainda completa que a mídia é um campo de crenças que têm efeitos materiais, pois os discursos que circulam através desse espaço participam da coesão social, fornecendo sentidos e produção simbólica para a construção de polos de identificação aos indivíduos e grupos “a partir de contextos econômicos, políticos, sociais diferentes” (SOVIK, 2004, p. 376).

Especificamente a respeito do campo midiático, o debate sobre os papéis de negros e brancos e os sentidos envolvidos nas relações raciais torna-se fundamental na medida em que “no contexto dos relatos implícitos nos meios de comunicação, a discussão da branquidade levanta o desafio de reinventar e também de derrubar as ficções de irmandade e de parentesco que sustentam o racismo brasileiro” (SOVIK, 2004, p. 384). Tal imaginário só se mantém como justificativa para negar o debate sobre a discriminação e preconceito raciais e promover as assimetrias sociais. Como constatou Joel Zito Araújo (2000), que realizou um importante levantamento e análise das telenovelas brasileiras entre os anos de 1963 a 1997, basta um breve exame nesse tipo de produção midiática para se verificar que a imagem de sociedade veiculada não evidencia a mestiçagem como valor.

[...]os mitos da “raça cósmica”, ou do “mulato inzoneiro” que resultaria na formação de um homem novo ideal nas Américas, revelam-se apenas como celebrações discursivas do passado, e caem por terra quando observamos as telenovelas brasileiras, mexicanas, colombianas, venezuelanas, ou produzidas em qualquer parte da América Latina, que funcionam como os melhores atestados de que sempre prevaleceu a ideologia da branquitude¹

¹ Branquitude nesse caso não se refere ao conceito de Bento, 2002. Aqui o termo é empregado como sinônimo da ideologia do branqueamento.

como formadora do padrão ideal de beleza e, ao mesmo tempo, como legitimadora da ideia de superioridade do segmento branco (ARAÚJO, 2000, p. 76).

De acordo com Araújo (2000, p. 77), o que se percebe nessas produções é o privilégio dos atores que têm uma aparência que se aproxima do padrão fenotípico europeu. Quanto mais traços nórdicos possuir, mais destaque esse ator vai receber, seja na escolha dos papéis na trama, seja na repercussão gerada por outros produtos midiáticos a partir da telenovela. Por outro lado, os atores que têm feições físicas negras ou indígenas, com frequência, são designados para representar personagens em posição de subalternidade e inferioridade racial e social. Nesse caso, à medida que o ator possui traços mais marcantes de sua descendência negra ou indígena, mais ele é escalado para viver papéis com esse posicionamento nas tramas. Ainda, além da assimetria entre os posicionamentos e o destaque dos papéis representados por atores brancos e negros, o estudo revelou que esse desequilíbrio também se repete em relação ao número de profissionais nas novelas, prevalecendo em maior quantidade os que têm aparência europeia, conforme constata Araújo.

A partir dos anos 80, podemos afirmar que houve uma lenta, mas progressiva ascensão do negro na dramaturgia da teleficção. Mesmo assim, identificamos que em um terço das telenovelas produzidas pela Rede Globo até o final dos anos 90 não havia nenhuma personagem afrodescendente. Apenas em outro terço o número de atores negros contratados conseguiu ultrapassar levemente a marca de 10% do total do elenco. Considerando que somos um país que tem uma população de cerca de 50% de afrodescendentes, essa é uma demonstração contundente de que a telenovela nunca respeitou as definições étnico-raciais que os brasileiros fazem de si mesmos (ARAÚJO, 2000, p. 980-981).

Apesar de nos últimos anos terem acontecido avanços na representação do negro na telenovela e em outras produções televisivas, impulsionados por um processo histórico e constante de lutas dos movimentos sociais negros, infelizmente ainda predomina a situação descrita por Araújo. No caso específico da telenovela, um dos gêneros de maior importância e audiência maciça entre os veiculados pela televisão, geralmente, salvo raríssimas exceções, a imagem do negro pouco se diversifica e continua sendo representada a partir de uma identidade estereotipada e inferiorizada.

Essa representação dos negros quase sempre em posição subalterna na mídia reproduz e reforça um cenário mais amplo de persistência do preconceito racial e das desigualdades sociais históricas no país. É fato a necessidade e urgência da implementação de políticas públicas capazes de dar respostas mais eficientes frente aos contextos de exclusão. Esse ainda

é um processo em andamento, que apesar de já ter dado grandes passos, ainda tem muitas barreiras a transpor. Conforme Theodoro (2008), entre os principais obstáculos estão a escassez de recursos e a falta de um efetivo envolvimento dos ministérios e priorização da questão por parte do governo; a ausência de uma base conceitual para a formulação das políticas e programas que por vezes deixam de enfrentar as causas dos problemas raciais criando ações de eficácia limitada; a mescla entre a questão racial e a pobreza no desenho das políticas públicas que acabam por desconsiderar que o racismo não atinge somente negros pobres, mas também os que estão em uma posição de maior prestígio, isto é, considerada fora de seu “lugar natural”, a subalternidade; e por fim, o racismo institucional que perpassa os demais pontos citados e se torna evidente em “processos, atitudes e comportamentos que contribuem para a discriminação por meio de preconceito não intencional, ignorância, desatenção e estereótipos racistas que prejudicam determinados grupos raciais/étnicos” (THEODORO, 2008, p.178).

2. INICIATIVAS DE DIVERSIFICAR AS REPRESENTAÇÕES DO NEGRO: A TV BRASIL COMO PIONEIRA

O sistema de televisão brasileiro é marcado pela existência de televisões comerciais, estas têm suas regras baseadas no mercado, priorizando uma programação voltada a potenciais consumidores. Neste sentido, a audiência se constitui como seu produto, garantindo, assim, uma fatia generosa do “bolo publicitário” (CARVALHO, 2013). Em outra via, a televisão pública não possui finalidades lucrativas. Diferentemente da televisão comercial, ela busca constituir o cidadão por meio de seu maior produto: a programação.

As discussões sobre a necessidade de haver uma televisão pública de fato no país se intensificaram com a realização I e II Fóruns de Televisão Pública, em 2007 e 2009 respectivamente. Estas foram as principais iniciativas vinculadas ao fortalecimento do campo público de comunicação no Brasil.

A efetivação principalmente do I Fórum marcou um novo momento para a televisão pública, que passou a ser pensada e discutida não só pelas associações e setores da sociedade civil defensores da necessidade da existência de uma alternativa às televisões comerciais, predominantes no contexto brasileiro, mas também por esferas do governo que, naquele momento, demonstravam vontade política ao delinear as bases para a construção de uma televisão pública. Neste processo, observa-se que o movimento em busca de alternativas à

lógica de mercado na comunicação tem como agentes primários ações vigorosas no âmbito da sociedade civil (cf. LEAL FILHO, 2008, p. 197).

No caso brasileiro, desde meados dos anos 90, grupos sociais vêm se articulando para enfrentar a questão da TV, entendendo-a não mais como simples instrumento de diversão, informação ou entretenimento, e sim como importante agente político (LEAL FILHO, 2008, p.197).

Na esteira desse processo nasce a TV Brasil. A emissora criada em 2007, por ser uma televisão pública, exhibe programas que não necessariamente estão vinculados à lógica publicitária, tendo enfoque nas questões relacionadas com a cidadania e com a representação da diversidade cultural. Neste sentido, a emissora implementou uma parceria com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir). Trata-se de um órgão governamental que tem como finalidades a formulação e coordenação das políticas públicas afirmativas de promoção da igualdade e da proteção dos indivíduos e grupos étnicos, com enfoque na população negra, e também o planejamento, coordenação e execução do Programa Nacional de Ações Afirmativas. O acordo firmado entre as organizações prevê a transmissão da novela *Windeck – Todos os tons de Angola*, uma medida de significativa importância no contexto nacional, no qual os negros ainda não possuem um espaço efetivo de representação, seja em novelas, programas de entretenimento, noticiários ou outros formatos televisivos.

A parceria entre a Seppir e a EBC (Empresa Brasil de Comunicação), gestora da TV Brasil, foi firmada no contexto da Década Internacional dos Afrodescendentes, declarada pela ONU para ser celebrada entre janeiro de 2015 e dezembro de 2024. Assim, a exibição de *Windeck*, marca a realização de ações de produção e difusão de conteúdo audiovisual com a finalidade de dar visibilidade a representações positivas do negro.

O Brasil, que é conhecido pela exportação de suas novelas, já transmitiu produções de outros países, principalmente as mexicanas, que alcançaram um grande sucesso entre o público. No entanto, a exibição de uma telenovela de um país africano, com um elenco composto em sua maioria por atores negros, além de ser um fato inédito no país é de extrema relevância para os movimentos sociais negros, que há décadas vêm lutando por uma maior representatividade no contexto televisivo nacional. Ademais, ao apresentar elementos da cultura africana, *Windeck – Todos os tons de Angola* se constitui como uma oportunidade de romper preconceitos ligados ao continente africano, constantemente relacionado à fome, guerras e pobreza, permitindo aos brasileiros expandirem sua visão sobre a realidade desta região.

O licenciamento para a transmissão da novela *Windeck* no Brasil, concedido pela Seppir, pode ser visto como a concretização de uma política pública, pois a veiculação deste produto, que tem um formato tão familiar ao contexto nacional, mas neste caso retratando o negro em posições de destaques e como protagonistas, é uma ação nova que rompe com a realidade observada na teledramaturgia brasileira.

Neste contexto, a televisão pública é de fundamental importância, contribuindo para o desenvolvimento de ações afirmativas, atendendo a uma demanda crescente e cada vez mais presente nos debates: a implementação de políticas públicas direcionadas à população afro-brasileira, não só na mídia, mas também na saúde e educação.

3. WINDECK – TODOS OS TONS DE ANGOLA: HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS

A estreia de *Windeck – Todos os tons de Angola* na TV Brasil se deu no dia 10 de novembro de 2014. Antes de iniciar a exibição da novela, a EBC promoveu um processo de preparação com a realização de grupos de discussões com os integrantes dos movimentos sociais negros. O objetivo foi avaliar a receptividade da trama, onde os personagens negros são retratados em posições de destaque na sociedade, diferente do que observamos nas novelas nacionais, nas quais os negros geralmente são retratados de forma estereotipada.

A novela foi produzida em 2012 pela Semba Comunicação, escrita por Miguel Crespo, Coréon Dú, Isilda Hurst, Joana Jorge e Andreia Vicente, e dirigida por Sérgio Graciano, com veiculação na televisão pública angolana TPA e na RTP, televisão pública portuguesa. Em 2013 foi indicada ao Emmy Internacional, perdendo apenas para a novela *Lado a Lado*, da TV Globo.

O termo *Windeck* é uma gíria utilizada em Angola para identificar pessoas gananciosas, que fazem de tudo para ascender socialmente. A trama é ambientada em Luanda, tendo como pano de fundo os bastidores da redação de uma revista denominada *Divo*, local onde há uma mistura de glamour e ambição. Além de mostrar o que as pessoas são capazes de fazer para atingir uma riqueza fácil e rápida, a novela trata de outras questões como violência doméstica, homofobia e doenças sexualmente transmissíveis, temas estes, que de acordo com o compromisso assumido pela EBC, estarão presentes em programas da emissora para amplo debate. A trama não é composta somente por atores africanos, também há a participação do ator brasileiro Rocco Pitanga, que tem um papel importante na história.

A novela é transmitida com o áudio original, desse modo, os atores falam o português de Angola e quando ocorre o uso de alguma expressão diferente das utilizadas no Brasil esta é explicada por meio de uma legenda, ou então o telespectador tem a opção de acessar o site da novela², onde existe um glossário. Ainda há a alternativa de usar o *closed caption*, uma forma de legenda oculta da televisão.

Windeck apresenta uma África jovem, moderna, rica e competitiva, diferente dos estereótipos que normalmente estão relacionados a este continente. Apesar de ser um marco na televisão brasileira, por seu ineditismo, a novela não possui uma proposta necessariamente política e acabou causando polêmicas na abordagem de alguns temas, tais como o machismo e a objetificação feminina, o que gerou algumas críticas por parte Conselho Curador³ da EBC, fato que será tratado a seguir.

4. REPERCUSSÃO E CRÍTICAS

A iniciativa de veiculação da primeira novela africana no Brasil foi recebida de maneira muito positiva pelos movimentos sociais negros, trazendo à tona mais uma vez a discussão de paradigmas racistas, bem como a oportunidade de romper os preconceitos contra os países africanos.

Contudo, a novela traz algumas polêmicas que foram levantadas pelo Conselho Curador da EBC. Este recomendou por meio de uma carta⁴ que a EBC deveria realizar debates com a participação e reflexão dos representantes dos diferentes segmentos da sociedade, atentando para os temas que são predominantes na trama, entre os quais: a naturalização do consumismo, que acaba se constituindo como uma forma de ascensão social; a presença do machismo, apresentado na forma de violência física e simbólica contra a mulher; a imposição de padrões estéticos, que podem desvalorizar as diferenças étnicas, e finalmente as contribuições da novela sobre a língua portuguesa.

Embora ressaltados esses aspectos, *Windeck – Todos os tons de Angola* continua tendo uma boa repercussão, pois a trama de 120 capítulos, exibida pela primeira vez entre 10/11/2014 e 2/5/2015, continua sendo reprisada desde 5/10/2015. A novela permitiu a

² < <http://tvbrasil.ebc.com.br/novelawindeck> >

³ Constitui-se como um instrumento de participação da sociedade na gestão de empresas públicas de comunicação.

⁴ A carta elaborada pelo Conselho Curador da EBC pode ser lida na íntegra neste site <https://vendarconselho.wordpress.com/2014/11/30/as-polemicas-de-windeck-a-novela-angolana/>. Acesso em 22 de Março de 2015.

integração de diversas áreas da EBC e rendeu alguns frutos como a vitória, em março de 2015, do prêmio Camélia da Liberdade, na categoria veículos de comunicação. A conquista do prêmio, atribuído a instituições e personalidades responsáveis pela promoção de atividades ligadas à afirmação do negro no Brasil, comprova a importância desta iniciativa da emissora.

A TV Brasil possui como um dos seus objetivos veicular uma programação comprometida com os princípios democráticos e que revele a realidade social e cultural do país (OTONDO, 2008). Segundo German Rey e Omar Rincon (2002), a televisão pública deve interpelar o cidadão; ser o cenário do diálogo nacional intercultural; promover o universal que não passa pelo comercial; fazer programas de grande impacto; e recuperar os aspectos prazeroso, divertido, significativo, sedutor e afetivo que promovem a televisão, a cultura e a educação. A televisão pública também deve ampliar as possibilidades simbólicas de representação, de reconhecimento e de visibilidade para a construção da cidadania, da sociedade e da democracia; deve formar os telespectadores tanto no âmbito da leitura crítica das imagens, como no do controle do cidadão sobre as mensagens audiovisuais que são exibidas em toda a televisão.

Nesta perspectiva, a transmissão de novela *Windeck – Todos os tons de Angola* demonstra a importância da existência de uma televisão pública que coloque em debate temas que são urgentes na sociedade brasileira, sobretudo a representação do negro, que ainda não possui um espaço efetivo na programação da televisão do Brasil. Ações como esta reforçam não só a relevância de uma televisão pública para a democratização da comunicação, bem como a possibilidade de ações que valorizem a representação positiva do negro em nossa sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES

A veiculação, pelo canal TV Brasil, da telenovela *Windeck – Todos os tons de Angola* representa um importante avanço no sentido da mudança das representações do negro na televisão brasileira. O principal diferencial da produção em relação ao contexto brasileiro não está apenas na composição do elenco, que é majoritariamente formado por atores negros, mas principalmente está na diversificação de papéis desempenhados pelo negro. Na trama é possível ver personagens negros em diferentes posições sociais e funções profissionais.

Apesar de *Windeck* não ter um caráter político, ou militante, quando exibida no Brasil incita o debate sobre a questão da representação do negro na mídia em função das

particularidades citadas anteriormente e, conseqüentemente, confronta uma série de características do contexto midiático brasileiro como: a invisibilidade do negro ou a representação a partir de uma identidade estereotipada e inferiorizada; e a apresentação tácita do branco como “representante natural da espécie”.

Conforme foi debatido ao longo do presente trabalho, o campo midiático é um gerador de conceitos e discursos que têm efeitos práticos nos comportamentos da sociedade, dessa forma, no espaço público, a luta por representação, visibilidade, construção e veiculação de imagens afirmativas e positivas do negro é um ato político. No caso específico da telenovela, um dos gêneros de maior importância e audiência maciça entre os produtos veiculados pela televisão brasileira, trata-se de um dos ambientes ideais para esse tipo de encaminhamento.

Embora essa iniciativa da TV Brasil seja relevante e represente um avanço nas políticas de valorização dos afro-brasileiros, por outro lado ela acaba por revelar a escassez de ações afirmativas que visem especificamente corrigir distorções e assimetrias raciais no setor midiático nacional, uma vez que tal ação é pioneira no país. Outro problema é a baixa audiência da TV Brasil em relação aos demais canais da televisão aberta, o que reduz a amplitude do impacto positivo que essa ação poderia ter na sociedade.

Contudo, a exibição de *Windeck* com certeza continua representando uma importante oportunidade para os brasileiros terem contato com representações diversificadas do negro na televisão e ainda romper preconceitos ligados ao continente africano.

REFERÊNCIAS

ARRAES, J. TV pública exhibe, pela primeira vez no Brasil, novela com mais de 90% de negros no elenco. **Portal Fórum**, 06 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/11/tv-publica-exibe-pela-primeira-vez-brasil-novela-com-mais-de-90-de-negros-elenco/>> Acesso em: 21/03/2015

ARAÚJO, J. Z. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

BACCEGA, M. A. Comunicação/ Educação: aproximações. In: BUCCI, Eugênio (Org.). **A Tv aos 50: Criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. p. 95-109.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, p. 25-57, 2002.

BORGNETH, M. I Fórum Nacional de TVs Públicas – Um processo de construção. In: Vários autores. **I Fórum Nacional de TV's públicas: Diagnóstico do Campo Público de Televisão**. Brasília: Ministério da Cultura, 2006. p.27-30

CHAVES, Leslie Sedrez. **O papel do produtor-receptor de conteúdos via internet no ativismo pela equidade racial:** Estudo de caso da Agência Afropress. In: Anais da I Jornada Gaúcha de Pesquisadores da Recepção, Porto Alegre, p. 137-148, 2012.

_____; COGO, Denise. Ativismo pela igualdade racial no Brasil, comunicação em rede e internet: a Agência de Notícias Afropress. **Index.Comunicación**, Madrid, v. 3, n. 2, p. 211-245, 2013.

CARVALHO, J. M. **Televisão pública no Brasil:** um estudo de caso da TV Brasil e as características de um sistema público de comunicação. 2013. 195f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Programa Pós Graduação em Comunicação – FAAC/UNESP, 2013.

CRAIDE, S. **Novela que mostra cultura do povo angolano será exibida no Brasil.** EBC Agência Brasil, Brasília, 10 nov. 2014. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-11/novela-que-mostra-cultura-do-povo-angolano-sera-exibida-no-brasil>. Acesso em: 21/03/2015

LEAL FILHO, L. Sociedade e Televisão. In: BRITTOS, V. C.; CABRAL, A. (Orgs.). **Economia Política da Comunicação: interfaces brasileiras.** Rio de Janeiro: E-papers, 2008. p.192-200

MUNANGA, K. Lutas contínuas concretizam mudanças sociais e raciais. In: RIBEIRO, M.; PIETÁ, E. (orgs). **Direitos Humanos como direito de todos, sem exceção.** Coleção 2003-2010 - O Brasil em transformação. v. 6. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

OMAR, R.; REY, G. Introdução. In: BELTRAN, G. R. et al. (Org.). **Televisão pública:** do consumidor ao cidadão. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung, 2002.

OTONDO, T. M. **Televisão Pública na América Latina:** Para quê e para quem?. 2008. 358f. Tese (Doutorado)- Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina – PROLAM/USP, 2008.

PAIXÃO, M.; ROSSETO, I.; MONTAVENELE, F.; CARVANO, L. M. (orgs.). **Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil; 2009-2010:** Constituição Cidadã, seguridade social e seus efeitos sobre as assimetrias de cor ou raça. - Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais (Laerser) do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE-UFRJ). Rio de Janeiro: Garammond, 2010. Disponível em: < http://www.redesaude.org.br/portal/comunica/2011-12/includes_publicacoes/01_Relatorio_2009-2010_desigualdades%20raciais.pdf >. Acesso em: 30 abr. 2012.

SILVA, Paulo V. B. e ROSEMBERG. Fúlvia. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In.: DIJK, Teun van. **Racismo e discurso na América Latina.** São Paulo: UNESCO-Editora Contexto, 2008, p.73-118.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SODRÉ, M. **Claros e escuros:** identidade, povo e mídia no Brasil. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 272 p.

SOVIK, Liv. Aqui ninguém é branco: hegemonia branca e *media* no Brasil. In: WARE, Vron (org.). **Branquidade: identidade branca e multiculturalismo.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p.363-385.



THEODORO, M. **À guisa de conclusão: o difícil debate da questão racial e das políticas públicas de combate à desigualdade e à discriminação racial no Brasil.** In: THEODORO, Mário (org.). As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição. Brasília: Ipea, 2008. p.171-180

Original recebido em: 30 de abril de 2015

Aceito para publicação em: 05 de outubro de 2016

Leslie Sedrez Chaves

Jornalista pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e professora adjunta do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Juliana Marques de Carvalho

Bacharel Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista - Julio de Mesquita Filho (Unesp) Araraquara, Mestre em Comunicação pela Unesp Bauru, e membro do Laboratório de Estudos em Comunicação, Tecnologia e Educação Cidadã (Lecotec).



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

